

**DONA BENTA NAS CARTAS INFANTIS PARA MONTEIRO
LOBATO**

**DONA BENTA IN THE CHILDREN'S LETTERS TO MONTEIRO
LOBATO**

Patrícia Aparecida Beraldo Romano¹

RESUMO

O texto que será apresentado pretende discutir práticas de leitura das obras infantis de Monteiro Lobato a partir da investigação de missivas recebidas pelo autor para serem, por ele, encaminhadas a Dona Benta ou tendo, diretamente, Dona Benta como a destinatária da carta, numa quase explícita confusão, por parte dos missivistas, entre realidade e fantasia, pessoa e personagem. Para isso, nos serviremos de seis cartas, três de leitores mirins e três de adolescentes, disponíveis no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: práticas de leitura, Dona Benta, cartas.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2017) e mestra em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP (2003). cursou Licenciatura em Letras-Português também na Universidade Estadual de Campinas (1996). É Professora na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), em Marabá, onde leciona disciplinas de Literatura Brasileira, Literatura Infantil e Juvenil e Estágio Supervisionado em Língua e Literatura. Tem desenvolvido projetos na área da Literatura Infantil e Juvenil que dialoguem com processos de Mediação de Leitura e Formação do Leitor Literário, tanto na Graduação quanto na Pós-Graduação. Também tem se dedicado a estudar a obra infantil de Monteiro Lobato, em especial, a personagem Dona Benta e suas possíveis relações com a mediação de leitura.



ABSTRACT

The text that will be presented intends to discuss practices of reading the children's works of Monteiro Lobato from the investigation of missives received by the author to be directed by Dona Benta or directly by Dona Benta as the recipient of the letter, in an almost explicit confusion on the part of the letter writers between reality and fantasy, person and character. For this, we will use six letters, three of junior readers and three of adolescents, available at the Institute of Brazilian Studies (IEB), at the University of São Paulo.

Keywords: reading practices, Dona Benta, letters.

Os estudos da História da Leitura têm voltado seu olhar para a correspondência entre escritores e seus leitores. A partir dessa relação tem nascido uma nova forma de se investigar as práticas de leitura (e de escrita, também) (SILVA, 2005) existentes entre leitores e escritores, em especial, de um público muito específico e fundamental: o público jovem, como é o caso de leitores mirins das obras infantis de Monteiro Lobato nos primeiros decênios do século XX. A partir de missivas infantis encaminhadas a Lobato/Dona Benta, este texto pretende discutir como algumas dessas cartas trazem à tona uma certa confusão por parte desses leitores entre a figura literária Dona Benta e a pessoa Dona Benta, que jamais existiu.

Todas as cartas foram coletadas no Arquivo Raul de Andrada e Silva, no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Esse acervo contém um dossiê formado por cartas infantis, desenhos, cópias de cartas enviadas por Monteiro Lobato aos pais de algumas crianças, cartas de amigos do escritor, recortes de artigos de e sobre Monteiro Lobato e retratos de Monteiro Lobato e familiares. Esses documentos foram enviados por Monteiro Lobato a sua amiga Marina de Andrada Procópio de Carvalho, sobrinha de Raul de Andrada e Silva e estavam reunidos junto ao arquivo do titular.

A troca de correspondência entre autor e leitor já era relativamente conhecida nos primeiros decênios do século XX quando Lobato passa a receber inúmeras missivas de seus pequenos leitores muito interessados em dar palpites sobre seus textos ou mesmo fazer algum tipo de crítica, sugestão ou ainda pedir algo para o escritor. Vejamos:

As cartas de leitores são uma importante fonte documental possibilitando no campo da história da leitura elucidar como a leitura era feita, qual era a recepção de determinados autores e suas obras, além de aspectos sobre a distribuição e o comércio de livros. Além dessas informações, mais diretamente ligadas à recepção literária, ao trabalhar com as cartas temos também condições de perceber aspectos ligados ao cotidiano dos leitores, suas visões de mundo entre outros (RAFFAINI, 2015, p.131).

Questões como essas acima apontadas podem ser inferidas a partir da leitura de muitas dessas missivas endereçadas a Lobato e que nos sugerem o quanto Dona Benta e Emília eram personagens queridas, já que uma parcela dessas cartas toma ambas as personagens como destinatárias.

Embora Emília seja a personagem da saga que talvez mais encante o público infantil e de quem as crianças mais gostem, Dona Benta também tem seus fãs. Lobato sempre recebeu muitas cartas de seus jovens leitores que gostavam de comentar seus livros, suas personagens ou mesmo dar palpites sobre determinadas obras que o escritor poderia escrever. Dentre essas cartas, algumas se destacam por fazerem referência a Dona Benta. Como nos lembra (Silva, 2005): “Também comuns nas cartas são os comentários sobre as personagens. Alguns leitores chegam mesmo a destinar a missiva às próprias personagens, utilizando-as, assim, como elo de comunicação com o autor”.

Avó mediadora de leitura, Dona Benta realiza um processo de mediação que encanta e seduz também os jovens leitores de Lobato. Para Patrícia da Costa Pina (2011),

[...]Lobato incorporou à visão tradicional a percepção de que o lúdico era uma excelente maneira de formar leitores. Ele se inscreve na antiga tradição oitocentista de escritores que precisavam construir simbólica e empiricamente seu público leitor. Mas acrescenta à estratégia desses pioneiros uma visão empresarial lúdica e eficaz, no que tange à divulgação e circulação do impresso (PINA, 2011, p. 111).

É por meio da articulação mediadora de Dona Benta que os leitores aprendem novos conhecimentos de maneira divertida, como também pela sugestão de uma viagem no navio “Terror dos Mares”, em *Geografia de Dona Benta*, ou ainda por meio do conhecimento de partes de obras clássicas, como *Dom Quixote das Crianças* ou mesmo pelas histórias vivenciadas por Hans Staden no Brasil, em *Aventuras de Hans Staden*. Todos esses textos conjugam a voz da narradora-mediadora Dona Benta ao conhecimento de mundo dela: o de uma leitora proficiente para atingir seu público ouvinte – as crianças do sítio e os leitores mirins lobatianos.

Essa característica sedutora de Dona Benta, por sua vez, salta das páginas da ficção para a vida real, numa espécie de “confusão”, de equívoco entre personagem e pessoa. No arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros, na USP, encontramos algumas missivas de leitores de Lobato direcionadas à avó mediadora.

A primeira que apresentamos toma a senhora avó como destinatária². Trata-se da carta da pequena leitora Maria Luiza e é endereçada à “Ilma. Dona Benta Encerrabodes de Oliveira e Família”. Vejamos:

2 Carta citada por Raquel Afonso Silva em “Conversa de bastidores: a correspondência entre Monteiro Lobato e seus leitores infantis”, disponível em www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/RaquelSilva.pdf, acesso em 26/05/2015. Arquivo Raul de Andrada e Silva, série correspondência passiva, subsérie cartas infantis 1933-1943, CX1-P02-09.

Ilma. Sra.

Dona Benta Encerrabodes de Oliveira e Família. Como vão todos aí?

Como vai a Emília Balaqueira; Narizinho, a sonhadora; Pedrinho, o aventureiro; Visconde, o sábio embolorado; Tia Nastácia, a dona de todos os “credos” e “fazedora” dos mais gostosos bolinhos; Quindim, o inteligente paquiderme africano; Rabicó, o engole espadas (digo espadas de cascas de abóbora) e a senhora que me parece um tanto assustadiça?

Diga a esse [sic] amiguinhos meus (menos Emília) que quando eu puder irei ajudá-los a “aventurar”, (Aventurar, termo que emprego quando quero dizer –fazer aventuras).

Diga ao meu amigo Monteiro Lobato, se ele for aí, que me desculpe a tardança da resposta a sua carta. Pois não tive coragem de pedir-lhe desculpas diretamente na carta que lhe escrevi.

Maria Luiza

3 palavras dedicadas a Emília em deutsch.

-du- bist- dumm-

von

Maria Luiza³

Maria Luiza Pereira de Lima, brasileira, nascida em Pelotas, cuja mãe, Marth P. Lima, era francesa, e cujo pai, José Pereira Lima, brasileiro. Ao falar sobre seus pais, na carta de 11/02/1936, informa a Lobato que eles eram todos ateus. Quando escreve a carta acima, sem data, tem 12 anos (informações disponíveis nos dados do acervo). Dona Benta, considerada destinatária da carta, parece ganhar vida real e possuir, inclusive, família, lembrada como a turminha toda das aventuras. Além disso, a carta vai endereçada ao Sítio, já que a menina Maria Luiza pede a Dona Benta que avise Lobato, *se ele ao Sítio for* (“for aí”), das suas desculpas pela demora da resposta à carta dele. Vemos assim que imaginação e realidade se fundem, bem ao gosto do que Lobato gostava de fazer com seus textos infantis.

Há, ainda, o desejo por passar pelas terras do Sítio para viver aventuras junto às crianças e aos bonecos: “Diga a esse [sic] amiguinhos meus (menos Emília) que quando eu puder irei ajudá-los a “aventurar”. E ela demonstra saber muito bem sobre toda a turminha quando fala sobre cada um no parágrafo anterior.

Outra carta, também do arquivo do IEB, traz Dona Benta como destinatária. Foi escrita por Modesto Marques, talvez um dos mais interessantes correspondentes do escritor. Morava em Tatuí, SP, e sua primeira carta, datada de 10/12/1941, é endereçada à boneca Emília. Nessa época, tinha 12 anos. São mais cinco cartas: segunda, de 28/11/1944, endereçada a Lobato;

3 Ambas cartas disponíveis no Arquivo Raul de Andrada e Silva/Dossiê Monteiro Lobato/ Série Correspondência Passiva, subsérie Cartas Infantis –Período de 1933-1943, Caixa 1- P02- 08 e 09, respectivamente.

terceira, de 11/11/1945, também a Lobato; quarta, de 10/12/1945, à Dona Benta; quinta, de 12/12/1945 e sexta, de 17/12/1945, ambas a Lobato. Nas cartas quinta e sexta, diz o garoto a Lobato que lhe escrevera duas cartas, mas não sabia qual enviar. Enviou as duas e pediu ao escritor que lhe devolvesse uma, o que parece não ter ocorrido, já que ambas se encontram no arquivo. O rapaz vê em Lobato seu mentor/tutor de formação e de pensamentos. A carta a seguir é posterior a uma outra escrita metade em português, metade em inglês. Apresenta quatro páginas manuscritas, com alguns grifos do próprio Modesto. Tinha ele, na época, 16 anos. Vejamos:

Tatuí, 10 de Dezembro de 1945

Dona Benta:

O sr. Monteiro Lobato escreveu-me uma carta em que vinha outra que a senhora lhe escreveu a meu respeito.

A senhora é muito camarada. Diz-me (ou melhor, diz ao sr. Lobato) coisas que se eu fosse menos Emiliano, cairia das nuvens de contente. Mas não. Reconheço que a senhora mentiu (perdão, já explico este termo) mentiu por bondade, mentiu por camaradagem.

Mas, caso a senhora de fato estivesse falando a verdade, ainda mesmo assim faltaria à verdade. Porquê? [sic] Pelo seguinte: não vejo nada de mais na minha maneira de expressar os meus “thoughts”. Acho de menos, pois eu não sou mais muito criança. Acabo de passar para o terceiro ano do colégio, o que equivale pela lei antiga ao segundo ano do pré. De modo que daqui a um ano se Deus quiser (eu gosto desta expressão fatalista) eu ingressarei na Faculdade de Direito de São Paulo! (este ponto de exclamação simboliza minha esperança e meu entusiasmo).

Dona Benta, creia que eu tenho muita inveja do seu neto Pedrinho. Como deve ser bom o ter-se uma avó tão culta e tão camarada!

Sabe uma conclusão que eu tirei? Que a senhora é uma “pedagoga revolucionária utópica possível”.

Um momento, já explico. Pedagoga a senhora sabe o que é, por que, se não me engano, foi a senhora mesmo que me ensinou esse termo. Revolucionária, por que o seu “método de camaradagem” não existe ainda no Brasil (talvez mesmo, no mundo). Utópica, por que com a mentalidade dos tais “adultos”, o ensino é uma coisa tão sisuda, tão vital, tão obrigatório, que nos aborrece. O homem só executa bem aquilo que parte de si próprio. Toda coação é contraproducente. O homem é a “Independência ou Morte!” –mas ainda não descobriu isso.

Epa! Creio que perdi o fio da meada. Ah! Não, eu estava dizendo porque acho que o seu método é utópico. É utópico justamente por causa dos tais Ministros da Educação. Eles são “velhos”. Velhos de corpo e de espírito (o que é pior e irremediável).

Finalmente o seu método é possível ou será possível, no dia em que a geração que formou a sua alma e a sua mente por ele pague esse incalculável benefício fazendo a sua propaganda, aconselhando-o e praticando-o.

Dona Benta, quero fazer-lhe um juramento sagrado: “Se eu for alguém algum dia, se algum dia eu tiver ou poder, ou riqueza, ou fama⁴, eu juro, em nome de Monteiro Lobato, meu pai espiritual, que mandarei erigir uma grande estátua em sua honra, o que seria o mesmo que erigi-la à Cultura ou à Pedagogia.

Peço-lhe Dona Benta que medite sobre estas minhas palavras e que saiba que elas não significam uma lisonja (que é a coisa mais vil que Deus criou) nem uma bazófia. É um desejo senão realizável, pelo menos ardente e sincero. Quero com isso pagar não o quanto aprendi, mas apenas a NOVA VISÃO DA VIDA que os seus livros me deram.

Bem, Dona Benta, devo terminar, porquanto a senhora deve ter mais o que fazer, sendo assim, sou o seu neto.

Modesto Marques⁵

Temos aqui um leitor que demonstra uma admiração ímpar por Dona Benta como a avó que ensina a partir do prazer. Além disso, o jovem leitor percebe como essa forma de ensinar estava distante da realidade do ensino no Brasil e ele ainda arrisca, no mundo. Somente Dona Benta sabia cativar com seu modo de ser “pedagoga”; seu método de ensino agradava muito e não aborrecia, ao contrário do que ocorria/ocorre nos bancos escolares.

Vemos que Modesto Marques era seguidor das ideias de Emília: confiar desconfiando. Não temos acesso à carta que ele teria recebido de Dona Benta /Lobato, mas parece haver elogios à pessoa dele e são desses elogios que ele desconfia. Além disso, parece-nos que, aqui, o missivista usa de uma “máscara” para se dirigir a Dona Benta: ele parece saber que é com Lobato que dialoga. A máscara sugere apenas um uso de recurso lúdico que ele, talvez, aprendera com o próprio “mentor”, como ele nomeia o escritor Monteiro Lobato.

Suas ideias, na sequência, avaliam o método de ensino da avó que, segundo ele, era revolucionário. Dona Benta, com sua sabedoria e cultura, desenvolve um método que conquista o leitor, acentuando-lhe o prazer por aprender, e condena o método dos sistemas de ensino vigentes à época, que era o de ensinar através da coação. Esses sistemas eram “velhos de corpo e de espírito” e, por isso, contraproducentes. Finalmente, assegura que o método de Dona Benta poderá ser aplicado no dia em que os da geração que nele se formou, como leitores, ajudem a divulgá-lo e a praticá-lo.

O que nos parece bastante interessante nas informações que a carta nos apresenta é que Lobato trocou várias missivas com esse leitor. E sabemos que eles discutiram assuntos vários pelas referências a eles nas cartas que estão depositadas no IEB. A carta em questão é a que mostra a importância da personagem Dona Benta para o leitor Modesto Marques e como ela influenciou, inclusive, sua formação leitora e crítica, já que, aos 16 anos, ele reconhece a marca que a personagem lhe imprimiu: a de pensar, inclusive, sob a forma “pedagogicamente utópica” de Dona Benta de ensinar.

4 As três coisas pelas quais o homem vive ou morre (nota original da carta).

5 Arquivo Raul de Andrada e Silva/ Dossiê Monteiro Lobato/ Série Correspondência Passiva. Subsérie: cartas infantis – Período 1933-1943- CX1-P02-40

Podemos ainda citar outra cartinha em que Dona Benta é lembrada como a avó que ensina. Nela, o leitor pede a Lobato que a boa senhora lhe dê mais lições, como uma espécie mesmo de professora:

Meu caro amigo Monteiro Lobato:

[...] espero uma resposta sua, como também desejo que Dona Benta apareça com um bonito livro cheio de ilustrações dando lições a gente sobre História do Brasil. Os seus livros me têm ensinado muita coisa e eu espero aprender muita coisa da História de minha Pátria com minha querida Dona Benta. (Severino de Moura Carneiro Jr. – Rio de Janeiro, 19 de fev. 1945).⁶

O desejo aqui é por um novo livro de histórias da turma em que Dona Benta dê lições saborosas sobre a História do Brasil para seus leitores-mirins. Esse livro nunca foi escrito, mas ficou imortalizado o desejo pela sua existência na missiva do pequeno-leitor, leitor esse que não escreve à avó, mas que a ela faz referência quando se trata de falar sobre aprendizagem de forma prazerosa.

Também queremos apresentar aqui uma carta destinada a Dona Benta e escrita por uma criança em vias de alfabetização, muito provavelmente. Trata-se da carta de Moacyrsinho de Melo Alvim Duarte. Nela, chama-nos logo a atenção a caligrafia de uma criança que começa a enveredar pelo mundo da escrita. Mantivemos os “erros” de escrita do missivista na transcrição. Vejamos:

D. Benta

Eu gotu muito da senhora D. Benta. A me manda 1 caichinha de Pó de Pilinpinpi.

D. Benta. P.E.O do Dr. Monteiro Lobato Companhia Editora Nacional

São Paulo-Capital

Moacyrzinho de Melo e Aouvin Duarte

Em 19 de ylho de 1945⁷.

O desejo desse pequeno leitor parece muito simples, receber um pouco do pó mágico para poder viajar ao mundo da imaginação. Muitos leitores pediam a Lobato que lhes enviasse uma parcela do pó mágico como se, de fato, ele existisse. No *Caderno de Recortes de Dona Purezinha*, vol. 1, p. 171, recorte 467, intitulado “Lobato e a criança”, temos um trecho em que o autor reproduz, de maneira hilária, como devia ser o desejo das crianças por saber sobre o pó mágico.

6 Arquivo Raul de Andrada e Silva. Dossiê Monteiro Lobato. Série Correspondência Passiva. Subsérie: cartas infantis. Período 1944-1947, CX1-P03-21.

7 Arquivo Raul de Andrada e Silva. Dossiê Monteiro Lobato. Série Correspondência Passiva. Subsérie: cartas infantis. Período 1933-1944, CX1/P2.

Como todo mundo sabe o pai da Menina do Narizinho Arrebitado é um tipo yankeezado, metido em mil negócios, tresandando a querosene, todo couraçado de ferro, ocupado com companhias, datilógrafos, engenheiros, corretores. E seu telefone não para.

-Alô...é seu Lobato?

-Sim...

-Aqui fala o Juquinha, o filho do Casimiro Costa...

Toda criança se julga universalmente conhecida.

-Bem. Que quer você, garoto?

-Seu Lobato, o senhor não me poderia arranjar um pouquinho de pó do “pirlimpimpim”?

Lobato, que está atarefadíssimo, amolado, procura o mais suave dos timbres de voz:

-Olhe, meu filho, o stock acabou agorinha mesmo. Inda este mês fabriquei mais umas toneladas...

Telefone daqui um mês.

Entra um chefe do escritório cheio de papéis. Mas o telefone tine, estridente...

-Hein? Quem é?

-É o Tônico. Eu queria que o senhor falasse com d. Benta para deixar eu ir passar uns dias no sítio. Queria muito ver o Príncipe Escamado.

-Perfeitamente. Mas D. Benta está passando uns meses em Poços de Caldas. Quando voltar eu verei se consigo seu consentimento.

O guarda-livros surgiu com duas costaneiras. Vai explicar o último balanço. E o telefone:

-Seu Lobato: o marques de Rabicó aceitaria umas espigas de milho que eu trouxe para ele da fazenda?

Aí está um problema difícil de resolver. Não aceitar a oferta seria desgostar a criança.

-O milho é seco ou é verde?

-É verde...

-Então mande...

E, desligando o telefone, ao guarda-livros:

-Seu Antunes. O senhor gosta de pamonha?

-Gosto.

-Pois venha amanhã à nossa casa. Tenho uma cozinheira mestra em quitute..⁸

⁸ Lobato e a Criaçada in *Caderno de Recortes de Dona Purezinha*, vol. 1, p. 171, recorte 467, Arquivo Monteiro Lobato da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato.

E talvez uma das mais sérias cartinhas que Dona Benta recebeu veio destinada ao próprio Lobato, mas que deveria contatá-la para pedir-lhe um favor: ensinar gramática à pobre missivista que estava prestes a fazer uma prova de concurso. Trata-se da carta de Wanda Côrtes, de Juiz de Fora. Há, inclusive, na carta, um recorte de programa do concurso enviado pela garota a Dona Benta, pedindo-lhe ajuda nos itens gramaticais que ela diz não entender.

Juiz de Fora, 22-02-1945

Sr. Monteiro Lobato

[...] O objetivo desta é pedir-lhe um grande favor.

Eu quero que o sr. faça o obséquo de pedir à D. Benta que me ensine mais alguma coisa de Português além do que ela já ensinou no livro.

Digo já porque. É porque eu quero inscrever-me num concurso e quase não sei português.

Se ela pudesse fazer-me este obséquo eu ficaria tão satisfeita!

Tenho uma gramática mas infelizmente leio, leio e não entendo nada.

Preciso muito passar neste concurso, pois Papai está desempregado (faz carros quando têm) e eu ganho uma ninharia onde trabalho.

Tenho certeza de que se ela ensinar-me eu aprenderei.

Já estou estudando matemática e quero fazer tudo para ver se passo.

O senhor acha que ela me ajudará?

[...] Junto a esta vai o programa de Português do Concurso para que d. Benta o veja.

Vou rezar para ela e o sr. e todos os seus para que sejam muito felizes (Sei que o senhor não liga muito para isso, mas tenho fé).⁹

Segue na carta, o seguinte programa:

PARTE1: Escrita, compreendendo: a) Português, constante de correção de textos que apresentem erros relativos a assuntos do seguinte programa:

1-Ortografia oficial. 2-Flexões nominais, principalmente as dos nomes compostos. 3- Pronomes; formas oblíquas e suas colocações na frase. 4-Verbos regulares, irregulares, defectivos e pronominais. Uso impessoal dos verbos haver e fazer. 5-Sintaxe regular de concordância. 6- Regência de verbos usados com mais frequência. Uso da crase (escrito na frente: 'não entendo').

A preocupação com a aprendizagem da gramática deve ter nascido de *Emília no país da gramática*. Embora não seja Dona Benta quem conduza a explanação dos conteúdos na história, mas sim o rinoceronte Quindim, a leitora assimila à Dona Benta a capacidade de lhe ensinar os conteúdos gramaticais não dominados. Logo após receber essa carta, datada de fevereiro

⁹ Arquivo Raul de Andrada e Silva. Dossiê Monteiro Lobato. Série Correspondência Passiva. Subsérie: cartas infantis. Período 1944 a 1947.Cx 1-P03-26.

de 1945, Lobato comenta com Rangel sobre a necessidade da pequena leitora, em carta de 05/03/1945:

A coitadinha, desesperada com o pedantismo dos programas oficiais, recorre a mim para que peça a Dona Benta que lhe explique o ponto. Ora, como eu não sei gramática, sou obrigado a recorrer a uma e aprender o que ela quer que Dona Benta explique, “regência dos verbos mais frequentes”. Eu devo saber isso muito bem, mas não ligo o nome à pessoa. Antigamente você me resolvia as dúvidas gramaticais, quem sabe se ainda tem ânimo de me explicar isso? Por que se eu for ver na gramática sou até capaz de não achar, de tal modo eu me perco naquele bátrac (LOBATO, 1956, p.366).

Parece-nos que esse comentário demonstra o quanto o próprio Lobato abominava a gramática a ponto de pedir ajuda, assim como a missivista, ao amigo Rangel, mais arguto em nomenclaturas gramaticais, já que era professor de Português. E é essa a postura que encontramos em *Emília no país da gramática*, que tanto parece encantar os leitores: Lobato apresenta uma maneira mais palatável de se conhecer a Gramática, como lembra ao amigo: sabia o conteúdo, mas não conseguia atribuir-lhe as nomenclaturas.

Wanda Côrtes envia uma segunda carta a Lobato cobrando se o escritor já havia conversado com Dona Benta. Vejamos:

Juiz de Fora, 08/03/1945.

Sr. Monteiro Lobato

Recebi hoje a resposta de minha carta.

Obrigada por tudo. Quer dizer o Sr. já falou com D. Benta?

Ela vai ajudar-me?

Não sei quando será o concurso.

Talvez seja em junho.

Eu tinha vontade de ser anjo porque assim não precisaria estudar português, não é mesmo?

Diga a D. Benta que eu cada vez gosto mais dela. [...]

Termino agradecendo desde já ao Sr. e a D. Benta.

A amiga

Wanda Côrtes¹⁰

Nessa carta, surge-nos a dúvida sobre o quanto a jovem leitora consegue abstrair a realidade da ficção. Wanda estaria apenas tentando convencer o escritor a dar-lhe uma aula de gramática ou acreditaria mesmo na existência de, talvez, uma pessoa que representaria a personagem Dona Benta?

10 Arquivo Raul de Andrada e Silva. Dossiê Monteiro Lobato. Série Correspondência Passiva. Subsérie: cartas infantis. Período 1944 a 1947. Cx 1-P03-27.

A partir dessas cartas recebidas e respondidas é possível, hoje, tentarmos pensar em práticas de leitura a partir dos textos infantis lobatianos: como eles eram lidos, compreendidos e questionados, a partir dessas muitas cartas infantis enviadas a Lobato, cobrando resposta das personagens, dentre outras coisas, participação dos leitores nas obras, solicitação de aulas para Dona Benta, pedido para escrita de novos livros a partir de assuntos de interesse do leitor-mirim, envio de recados para as crianças e bonecos, todas personagens da saga do Sítio, mas que, para muitos leitores, poderia se confundir com o espaço de fuga e prazer da imaginação.

REFERÊNCIAS

Caderno de Recortes de Dona Purezinha, vol. 1, p. 171, recorte 467, Lobato e a criançada in Biblioteca Monteiro Lobato.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 2o tomo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

PINA, P. K. C.; FAGUNDES, Heldina Pinto . Monteiro Lobato e o Leitor Contemporâneo: do Livro ao HQ. **LER - Leitura em Revista**, v. 1, p. 102-122, 2011.

RAFFAINI, P. T. Cartas das Crianças: reflexões sobre a leitura nas décadas de 30 e 40. **Revista Angelus Novus**, v. n. 10, p. p. 159-176, 2015.

SILVA, Raquel Afonso da. Conversas de Bastidores: a correspondência entre Monteiro Lobato e seus leitores infantis. In: **XI SETA - Seminário de Teses em Andamento**, 2005, Campinas. XI Seta - Linguagem, pesquisa e ética na contemporaneidade. Campinas, SP: Gráfica Central da Unicamp, 2005. p. 6-81.